

ETNOGRAFIA E TECNOLOGIAS: AULAS COM USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS E FACEBOOK NO ENSINO MÉDIO

*Ethnography and technology: Classes with the use of mobile
devices and facebook in high school*

Jessica Kelly Sousa Ferreira¹
1. jessicaferreiraprofe@gmail.com

Resumo

Este estudo busca descrever, analisar e refletir aulas de Inglês ministradas por uma professora de escola pública, no estado da Paraíba, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, entendendo como o uso das tecnologias da informação e comunicação, neste caso, do facebook através de dispositivos móveis, pode funcionar como elementos potencializadores ao processo de ensino e aprendizagem. Baseados nos estudos de Moran (2012) propondo que a escola deve utilizar a abordagem de informações dinâmicas e reais promovidas pelo uso dos dispositivos móveis, Simon (2012) afirmando que estas novas abordagens podem ser vistas como tecnologias culturais, visto que permitem novas formas de trabalho e ações locais, e Patrício e Gonçalves (2010) quando diz que o facebook “é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar, partilhar e interagir”. Entendemos assim que o uso do telefone celular, através de grupos no facebook pode ser não somente um caminho promissor para a abordagem de conteúdos na Língua Inglesa, já que favorece a interação alunos-alunos, alunos-professor, mas também o uso de mídias diversas que favoreçam a assimilação e proporcionam o contato dos alunos com informações variadas e a transformação cultural do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Etnografia, Tecnologias, Ensino e Aprendizagem.

Abstract

This study aims to describe, analyze and reflect about English classes taught by a teacher of public school in the state of Paraíba, in a class of 2nd year of high school, understanding how the use of information and communication technologies, in this case, the facebook via mobile devices, can function as enhancers to the process of teaching and learning. Based on studies of Moran (2012) proposing that the school should use the approach of dynamic and real information promoted by the use of mobile devices, Simon (2012) stating that these new approaches can be seen as cultural technologies as they enable new ways of working and local actions, and Patricio and Gonçalves (2010) when he says that Facebook "is an informal environment where students feel free to communicate, share and interact." We understand, as well, that the use of mobile phone by groups on facebook can be not only a promising way for the approach of subjects in English language, it favors the interaction student- student, student- teacher, but also the use of various media favoring assimilation and provide the contact of students with a variety of information and cultural transformation of the teaching and learning process.

Introdução

Este estudo busca analisar como a interação nas redes sociais, especificamente, o facebook pode contribuir para a quebra de paradigmas que permeiam o sistema educacional tradicional, almejando assim a efetivação de um processo de ensino aprendizagem inovador, real e eficaz, tanto para os professores, quanto para os alunos.

Nesta perspectiva, observamos que as escolas e os professores precisam quebrar paradigmas já estabelecidos pelos processos de ensino aprendizagem tradicionais e inserir o uso das novas tecnologias e das redes sociais, neste em caso, em específico, do facebook nas salas de aula, visando auxiliar no processo de ensino aprendizagem de forma colaborativa, acompanhando assim as transformações sociais e tecnológicas, instigando a criticidade dos alunos e a construção coletiva dos conhecimentos.

Para Patrício e Gonçalves (2010) o facebook, especificamente, “é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar, partilhar e interagir”, sendo assim, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento.

Entendemos que esta proposta é, ainda, um desafio para escolas e professores, mas se trabalhada de forma planejada e respeitando-se à realidade das escolas e salas de aula diversas, permitirá a implantação de novos caminhos para o fazer docente, em relação ao processo de ensino aprendizagem, objetivando, inclusive, que os alunos atuem de forma ativa no compartilhamento de informações e na construção coletiva do conhecimento. As propostas de artigo submetidas, devem ter aderência a algum dos eixos temáticos do congresso: Educação Básica, Educação Profissional e Tecnológica ou Educação Superior. Ao submeter seu artigo, você deverá indicar sua opção de apresentação: apresentação oral ou pôster.

Seu trabalho deve apresentar a seguinte estrutura textual: Resumo, Abstract, Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados, Considerações Finais e Referências.

Referencial Teórico

- O USO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA SALA DE AULA

Algumas iniciativas provenientes de políticas públicas já oferecem e garantem a inserção de computadores nos ambientes das escolas públicas. A maioria dessas iniciativas é posta em prática através da ação do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) que organiza e tornam funcionais salas de informática nas escolas.

Porém, algumas vezes essas propostas não se aplicam, na prática, da forma garantida nos documentos oficiais. Os laboratórios tornam-se inativos à medida que os computadores passam problemas técnicos e as escolas não tem recursos nem possibilidades disponíveis para consertá-los e colocá-los em uso.

De acordo com Bettega (2010) os computadores começaram a serem elementos auxiliares ao processo de ensino aprendizagem, sendo inseridos nas escolas particulares, desde o começo dos anos 1980, nas escolas públicas as ações começaram a aparecer a partir dos anos 1990, mas ainda hoje passam por problemas estruturais (técnicos) e pedagógicos.

Ao mesmo tempo, percebemos uma escola que se configura pelo uso constante de dispositivos móveis, em sua maior parte celulares e smartphones. Os alunos trazem seus celulares para o ambiente da escola, e por vezes o utilizam na sala de aula, mesmo sem o consentimento e até com a proibição por parte do docente.

Andreoli (2007) pontua que “o telemóvel atingiu uma tal omnipresença, que as novas gerações o consideram um produto da natureza, como o leite ou o tomate” (p. 23). Vale salientar ainda que o uso dos dispositivos móveis é uma realidade que já faz parte do cotidiano de muitos alunos e professores, mesmo fora do ambiente escolar.

Myers (et. al., 2003) apud MARÇAL (et. al., 2005) salienta ainda que as tecnologias de computação móvel encontram-se em franca evolução. Essa evolução pode estar relacionada ao fácil acesso e aos baixos custos desses dispositivos.

A partir destes fatos, percebemos que a introdução e o uso das novas tecnologias colaboradoras ao processo de ensino aprendizagem não deve se restringir aos laboratórios com

computadores. A rápida disseminação dos dispositivos móveis traz oportunidades para a criação de novos contextos de aprendizagem.

No Estado da Paraíba, temos a Lei 8.949 de novembro de 2009 que proíbe o uso de celulares nas escolas públicas, porém, há prerrogativas quando as escolas incluem em seu Projeto Político Pedagógico a possibilidade de utilizar esses recursos como um subsídio ao trabalho do professor, e conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. (PARAÍBA, 2009)

Podemos dizer que o uso consciente dos dispositivos móveis e das interfaces que estas ferramentas oferecem, pode ser importante não somente no ambiente da escola, mas permitir ainda que os alunos sejam capazes de utilizar esses instrumentos na sociedade de forma cidadã e responsável.

Deste modo, o trabalho com dispositivos móveis no ambiente da escola, neste caso, com alunos do Ensino Médio, é também um meio de fazer com que estes avaliem e reflitam acerca da forma na qual utilizam os telefones celulares e descubram diversas outras possibilidades que facilitem a aprendizagem, como também agilizem a vida em sociedade, quando utilizados de forma responsável.

Legitimando com tais fatos, Moura (2012) afirma que “começa a ganhar força uma nova tendência no uso de tecnologias na educação denominada “Bring Your Own Device” (BYOD), isto é, cada um traz o seu próprio dispositivo” (p. 129).

Possivelmente, os celulares que os alunos levam para a sala de aula podem ser recursos promissores na efetivação de um processo de ensino aprendizagem inovador e dinâmico, inclusive auxiliando no acesso as redes sociais, como proposto neste trabalho, visto que estas são ferramentas de aprendizagem multifuncionais que desenharam um modelo de aprendizagem mais independente, e, conseqüentemente, mais autônoma, através da análise, reflexão e uso de informações e recursos diversos.

Neste novo paradigma, os alunos podem usar seus próprios dispositivos não somente para o lazer, mas também para o aprender.

O conceito de apropriação firmado por Carroll (2005) é importante, visto que caracteriza a familiaridade e o domínio que os alunos têm com seus próprios dispositivos, o que facilita o trabalho em sala de aula, e acentua as possibilidades no uso desses recursos agora com um novo viés, o pedagógico.

Escolas e professores podem assim rentabilizar o uso dos dispositivos móveis no ambiente da sala de aula para que o processo de ensino aprendizagem seja transformado, dentro das possibilidades, e acompanhe a dinâmica do novo tipo de sujeito formado e transformado através das redes.

Sibília (2012) considera que o uso dos dispositivos móveis funcionando em redes transforma os sujeitos não somente a nível individual, mas também a nível coletivo, essa transformação faz parte da condição de sujeitos históricos contemporâneos que modificam e são modificados pelas inovações tecnológicas que marcam cada época. Visto que os alunos/sujeitos de agora são compatíveis com as tecnologias que caracterizam os aspectos socioculturais, econômicos e políticos desta era.

Essas possibilidades dinâmicas de aprendizado por meio dos dispositivos móveis são consideradas também pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, (2014) quando propõe que as oportunidades educacionais podem ser expandidas e enriquecidas em diferentes contextos, e que embora escolas e professores ainda não tenham conseguido aproveitar de forma plena estas inovações, todas as tímidas iniciativas que forem colocadas em prática são sinônimos de impulso para as novidades vindouras, visto que é possível que os dispositivos móveis tornem-se cada vez mais sofisticados, e também mais populares.

É importante que tais iniciativas mostrem aos alunos as potencialidades no uso dos dispositivos móveis, para que estes percebam que o uso de seus celulares, tal como do facebook, vai além do lazer, podendo, inclusive, aprimorar as relações sociais, auxiliar no mercado de trabalho, no aprendizado, e na atualização de informações.

Essas experiências são importantes à medida que dão importância à participação ativa dos alunos não somente dentro, mas fora da sala de aula, e/ou até fora da escola, redesenhando uma aprendizagem caracterizada em desafios, reflexão, análise e possíveis resoluções de problemas e posicionamento crítico.

Para Moran (2013) tanto as escolas quanto os dispositivos móveis lidam, potencialmente, com a informação. A diferença básica é que, segundo ele, as escolas, em seus processos

educativos já vigentes e sistematizados ainda privilegiam as informações estáticas, previstas no currículo. Enquanto isso, os dispositivos móveis fornecem informações cada vez mais dinâmicas, atuais e diversificadas, capazes de instigar o senso crítico e analítico dos alunos.

Por conseguinte, ressaltamos o uso dos dispositivos móveis neste estudo, primeiro para sanar as lacunas ainda deixadas pela proposta e implantação dos laboratórios de informática, não tão satisfatórias na realidade, e ainda para acompanhar as transformações históricas que a sociedade tem sofrido, e em que as escolas e o processo de ensino aprendizagem estão inseridos.

A análise da escola e dos sujeitos que compõem a realidade específica abordada neste estudo demonstra que, como propõe Menezes (2009) a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso dos dispositivos móveis e das redes sociais, visto que a inserção e o uso dos dispositivos móveis já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades encontradas nas escolas.

Sabemos que o uso dos dispositivos móveis, tal como do facebook, passou a ser frequente nos mais diversos âmbitos sociais, inclusive, dentro dos muros da escola.

Moran (2012) defende que tanto os dispositivos móveis quanto a escola lidam com informação, porém, para ele, a escola ainda privilegia a informação estática, pronta, enquanto os dispositivos móveis, quando conectados a internet, promovem o contato com informações mutáveis, dinâmicas, reais.

Percebemos assim que o uso didático-pedagógico dos dispositivos móveis e das redes sociais ainda não ocorre de forma efetiva, grande parte dos professores não se sente segura para a utilização destes recursos, alguns sequer dominam as funcionalidades básicas das ferramentas, porém, torna-se necessário que iniciativas sejam tomadas para melhoria do processo de ensino e aprendizagem, como também para a garantia não somente do acesso dos alunos à escola, mas também a permanência.

Sabemos ainda que a própria formação do professor não favorece que este se sinta preparado para este novo paradigma, além disso, a estrutura curricular e escolar não contempla, de forma satisfatória, o uso das novas tecnologias atreladas à educação. Neste viés, é fundamental que os professores procurem trabalhar dentro de suas possibilidades, organizando os recursos que estão disponíveis e adequando suas propostas à realidade e aos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, o próprio professor, as estratégias a serem desenvolvidas e os objetivos a serem atingidos podem ser também considerados o que Simon (2012) trata como tecnologias culturais, visto que o professor estrutura e governa novas formas de trabalho e ações locais, que, de certa forma, rompem com o convencional, e proporcionem caminhos promissores aos processos de ensino aprendizagem, sendo assim colaboradores para alunos e professores.

- NOVOS CAMINHOS PEDAGÓGICOS: O FACEBOOK

Dentre as mais utilizadas redes sociais, nos dias atuais, está o facebook, possuindo milhares de usuários espalhados pelo mundo todo e que compartilham informações interagindo acerca de temas diversos, mesmo estando, por vezes, em tempos e lugares distintos.

O facebook foi criado em fevereiro de 2004 por Marck Zuckerberg e é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, sendo assim uma forma de encontro, partilha, interação e discussão de ideias. Desde sua criação, o principal objetivo foi e ainda tem sido a proporção de um local em que as pessoas possam se comunicar, partilhar informações, enviar mensagens, publicar fotografias, etc. (PATRICIO E GONÇALVES, 2010).

Por esse conjunto de razões, essa rede social atua como um espaço de construção coletiva do conhecimento, porém, com um viés autônomo, permitindo que os alunos sintam-se cada vez menos dependentes do professor e capazes de construir seus conhecimentos a partir de suas próprias análises e reflexões, viabilizando ainda que as informações postadas sejam automaticamente compartilhadas e que uns possam contribuir com as colaborações do outro.

De acordo com Braga (2013) o facebook oferece diversos recursos, tais como mensagens, publicações no mural, comentários, postagem e análise de vídeos, textos e materiais variados, interações em grupos, que viabilizam a publicação de textos multimodais e a formação de redes interativas, facilitando ainda a categorização e localização de informações.

Corroborando com a ideia supracitada, Patricio e Gonçalves (2010) ainda dizem que o facebook é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar,

partilhar, interagir, sendo assim, atualmente, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento. Vale salientar que alunos e professores, em sua grande parte, já utilizam essa rede social, e já realizam essa aprendizagem, mesmo que de forma inconsciente.

Sabemos ainda que o facebook é, atualmente, a rede social mais utilizada pelos jovens, e, o contato com a imensidão de informações presentes na internet é inevitável, visto que as informações a medida que são postadas, são também compartilhadas com todos que têm acesso a determinada página. Essas páginas são acessadas diariamente, em sua maioria.

Spadaro (2013) defende que o número de usuários do facebook cresceu rapidamente nos últimos anos, afirmando que em 2012 essa rede social atingiu o número de um bilhão de usuários ativos e o Brasil estava entre os cinco países com maior número de usuários cadastrados. Segundo ele, o ponto forte do facebook é conectar as pessoas, visto que “as estatísticas oficiais informam que 13 milhões de usuários atualizam o próprio status no mínimo uma vez por dia” (p. 97).

O acesso à informação já é garantido, através do uso da rede social, mas somente uma abordagem didático-pedagógica pode propiciar que essas informações, quando sistematizadas, possam se transformar em conhecimentos adquiridos.

A esse respeito Spadaro (op. cit.) contribui informando que desde o princípio “a ideia básica do facebook era, pois, muito simples: conectar os estudantes, satisfazer um desejo difuso de socialização e de novos conhecimentos no interior do âmbito juvenil e de estudos” (p. 94).

A utilização de grupos no facebook pode sistematizar o que se deseja abordar em relação ao processo de ensino aprendizagem e a análise de conteúdos e temas diversos, já que permite que os alunos sejam alocados, em conjunto, em um ambiente com interesse de discussão, reflexão, análise e argumentação em comum.

Segundo Braga (2013), os grupos do facebook podem ser abertos ou fechados, e favorecem a organização e interação de grupos de usuários, viabilizando assim o trabalho em pequenos e/ou grandes grupos na escola.

A formação de grupos no facebook engloba os conteúdos e temas de preferência, ou até mesmo um acompanhamento dos conteúdos abordados em sala de aula, de forma mais inovadora, dinâmica e real, já que os alunos utilizam esses recursos cotidianamente, e promove a visualização dos temas a partir de mídias diversas, tais como textos, imagens, vídeos, músicas, etc. favorecendo ainda a sistematização do que se deseja abordar numa perspectiva de processo de ensino aprendizagem que permita que alunos e professores trabalhem colaborativamente, ajudando ainda na privacidade dos membros e dos temas, visto que os grupos são recursos mais restritos, onde o acesso só é permitido às pessoas que fazem parte dele.

Minhoto (2012) explicita que a interação entre os alunos e a familiaridade com o contexto do facebook proporciona a construção ativa de conhecimentos. Zancanaro (et. al., 2012) colabora com essa opinião defendendo que a facilidade e familiaridade quanto ao uso do facebook gera agregação de valor para os estudantes, como também motivação.

Paulatinamente, percebemos que o contato cotidiano com essa rede social funciona como um elemento contribuinte para que a abordagem pedagógica fazendo uso desses recursos seja satisfatória, já que a parte técnica no uso desta já é dominada pela maioria dos alunos, como também por alguns professores.

Vale salientar ainda que uma abordagem didático-pedagógica que privilegie o uso do facebook como auxiliar no processo de ensino aprendizagem vai além da inserção de TIC'S no ambiente das escolas e das salas de aulas, mas promove também uma relação entre escola e sociedade, entre currículo e as competências necessárias para convivência e sucesso na atualidade.

Na mesma perspectiva, Muñoz e Towner (2011) concluem que o facebook oferece oportunidades únicas para o processo educativo, tais como facilitar a comunicação, promover uma comunidade de aprendizagem e promover competências do século XXI.

Essas oportunidades únicas conglomeram novas possibilidades acerca dos temas abordados, visto que admitem que os alunos passem a refletir de forma mais crítica e reflexiva, em relação a elementos que antes eram cotidianos e, algumas vezes, passavam despercebidos, como também de abrem novos horizontes quanto à interpretação de fatos, discussão de assuntos cotidianos, argumentação de pontos de vista, etc.

Deste modo, Fernandes (2011) demonstra que o facebook, quando utilizado como ferramenta pedagógica, pode explorar e promover a elaboração no processo educativo, permitindo ainda que sejam construídas críticas e reflexões acerca de informação e conhecimento.

Preocupações neste sentido demonstram que o impacto das tecnologias na educação não depende mais simplesmente de se ter acesso a elas, mas sim de como estas serão utilizadas quando atreladas ao processo de ensino e aprendizagem. Entendendo que esses recursos não são apenas ferramentas, mas elementos colaboradores na efetivação de um processo de ensino e aprendizagem satisfatório.

Moran (2013) profere que abordagens como esta abrem caminhos para que os alunos sejam protagonistas de seus aprendizados, facilitando uma aprendizagem horizontal, ou seja, dos alunos entre si, e das pessoas em redes de interesse, através da combinação de ambientes formais e informais (neste caso, escola e facebook) que permite a organização e flexibilização do processo educativo em relação à adaptação de cada aluno, correlacionando o melhor do presencial e do virtual, em múltiplos espaços e tempos.

A partir destas discussões cremos que as escolas e professores, em sua maioria, ainda não trabalham com tais recursos de forma satisfatória, algo já tem sido feito em relação à inserção das tecnologias nas escolas, políticas públicas já efetivam a inserção de computadores, notebooks e tablets, mas a abordagem didático-pedagógica ainda deixa precisa ser revisada em muitos aspectos.

Neste sentido, no tópico posterior veremos como o ambiente da escola e a prática docente podem ser redimensionados, de forma a tornarem-se tecnologias culturais quanto à inserção e ao uso do facebook no processo de ensino e aprendizagem.

Resultados

Através da percepção e do incômodo gerado através das reflexões ocorridas a partir das aulas na turma em questão, a professora de Língua Inglesa percebeu que poderia utilizar o uso dos dispositivos móveis, e das redes sociais, especificamente do facebook, como um elemento auxiliar e potencializador ao processo de ensino e aprendizagem, mesmo que tais elementos sejam frequentemente vistos como um problema, na escola em questão.

Como ponto inicial, a professora sondou acerca da possibilidade de trazerem seus celulares para a aula, e todos os alunos que possuíam celular com internet se dispuseram a trazê-los, os dois que não possuíam foram informados que fariam suas atividades em duplas, com os demais colegas. Quando questionados acerca das contas na rede social facebook, todos os alunos informaram que possuíam contas nesta rede social.

Assim, a professora solicitou que os alunos trouxessem seus celulares para sala de aula na próxima aula de Língua Inglesa, informando que tal decisão havia sido informada com antecedência a gestão. Tal decisão foi essencial, visto que, Masseto (2000, p.133) já afirma que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e eficaz”.

A proposta inicial focava no trabalho acerca da socialização baseada em preferências musicais, sendo assim, na aula a professora pediu que a turma acessasse a rede social *facebook*, e procurasse pelo grupo “Inglês com música- Escola A”. A princípio, a professora não deixou claro quais seriam os objetivos da atividade, o que gerou especulações, como se pode concluir nos fragmentos a seguir:

✓ Situação 01 – Aula 01:

A euforia era visível na aula, os alunos não compreendiam exatamente o que a professora estava pretendendo com o uso dos celulares, os quatro alunos que costumavam não frequentar as últimas aulas estavam presentes com seus celulares em mãos, os demais alunos, como de costume, ocupavam as cadeiras da frente e do meio da sala. Os dois alunos que não possuíam dispositivos móveis com acesso a internet, porém, possuíam conta no *facebook*, foram colocados em duplas com os colegas. Tratava-se da última aula do horário, mais curta que as demais, com duração de 20 minutos.

Professora: Bom dia, meninos, sentem-se, por favor... Gente, por favor, vamos sentar. Psiu, oh... Se vocês não prestarem atenção e não me ouvirem não vão entender o que faremos com os celulares.

Aluno 01: Eu já tô é no facebook.

Professora: Muito bem, aluno 01, nós vamos usar o facebook mesmo na nossa aula de hoje.

(silêncio geral)

Professora: Gostaria que vocês procurassem aí um grupo fechado que o nome é “Inglês com música – Otávia Silveira”.

(A professora escreve o nome do grupo fechado no quadro negro, os alunos focam suas atenções nos dispositivos móveis, à procura do grupo em questão.)

Professora: Quando encontrarem o grupo e enviarem a solicitação me avisem para que eu aceite aqui no meu celular. Aliás, alguém não sabe como procurar o grupo?

Aluno 02: Acho que não sei não.

(Alguns alunos dão risadas)

Aluno 03: É só tu procurar naquele “quadradinho” que a gente pesquisa as coisas, logo em cima.

Aluno 02: Sim, e depois?

Professora: Depois que você encontrar o grupo, aqui do lado direito (professora aponta com o dedo, mostrando no seu dispositivo) é só apertar em participar do grupo, e eu vou aceitar aqui sua solicitação, entendeu “Aluno 02”?

Aluno 02: Consegui professora.

Aluno 04: O meu não abriu ainda não, ahhh, essa internet é uó.

Professora: Paciência, “Aluno 04”, a internet está lenta mesmo.

Alguns alunos (ao mesmo tempo): Consegui Professora!

(Professora aceita as solicitações no seu dispositivo móvel avisando aos alunos que já foram aceitos, e, assim, já participam do grupo).

Professora: Os que já conseguiram enviar a solicitação vejam a postagem que eu fiz aí e vão tentando responder, individualmente, qualquer dúvida me perguntem.

(A postagem questionava acerca das preferências musicais, e solicitava que os alunos postassem os nomes de artistas internacionais, de músicas e/ou até mesmo de trechos de músicas preferidas, na Língua Inglesa).

Aluno 05: Pode ser qualquer música né professora? Se for em Inglês?

Aluno 02: Que legal! Amei!

Aluno 01: Quero colocar mais de uma, tem muito cantor internacional que é Fo----.

Aluno 01: Mas eu não sei escrever em Inglês não, como é que vou responder isso?

Aluno 06: Procura no Google, otário!

Professora: Gente, “Aluno 06”, por favor, respeite seu colega, evite esses tratamentos, por favor! Pessoal, vocês podem pesquisar no Google, ou até mesmo em outras páginas ou grupos no face, caso não queiram errar na escrita das palavras, ou do nome do artista.

Três alunos (ao mesmo tempo): Eu já fiz.../ Eu também.../ Eu já sabia o nome professora, gosto muito dessa música, não precisei procurar não.

Professora: Quem já terminou, pode ir ajudando seus colegas mais próximos, mas por favor, não façam muito barulho.

Aluno 05: Professora, sem “condição”, a internet não deixa fazer nada não, tu conseguiu “Aluno 04”?

Aluno 04: Quase que não consigo, mas tá indo.

Aluno 01: Professora, eu achei o vídeo da música aqui no youtube, posso postar também?

Professora: Claro que pode “Aluno 01”, só assim seus colegas podem ouvir e ver a música da sua preferência, faça uma nova postagem, não responda no mesmo post, fica melhor pra visualizar.

Aluno 01: Ok prof.

(Nesse momento a aula toca e os alunos começam a levantar e se direcionar a porta)

Aluno 05: Ah professora, vou fazer isso mais não, essa m---- de internet não deixa, vou fazer mais não.

Professora: Hey, turma, esperem um pouco. Olha só, quem não conseguiu terminar aqui, pode fazer a atividade em casa, vocês podem pesquisar outros recursos da internet, caso não saibam escrever as palavras, pesquisem e treinem a escrita. Tchau. Até a próxima aula.

Percebemos que a interação foi favorecida através do trabalho no grupo do *facebook*, não somente a interação virtual, mas também a interação social. Os alunos nomeados “Aluno 01” e “Aluno 06” eram dois dos quatro alunos que se isolavam no canto esquerdo da sala, e algumas vezes fugiam para não assistir a última aula. Na maioria das aulas, estes alunos evitavam participar das discussões, porém, foram capazes de interagir e contribuir na aula através do uso do *facebook*.

Grande parte dos alunos demonstrou interesse e realizou as atividades com muita rapidez, expondo suas preferências musicais, sem hesitar e sem pensar em críticas ou preconceitos. Dessa forma, foram expostos os mais diversos gêneros e estilos musicais, como também os mais diferentes artistas, variando do romântico ao rock pesado.

Para Patrício e Gonçalves (2010) o *facebook*, especificamente, “é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar, partilhar e interagir”, sendo assim, atualmente, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento.

Nesta perspectiva, observamos ainda que os demais alunos, embora não estejam citados no fragmento exposto acima, estavam atentos aos seus dispositivos e realizando a atividade com atenção e dedicação. Verificamos ainda que os que terminaram antes foram capazes ainda de ajudar seus colegas sentados mais próximos.

No final da aula, quando os alunos foram embora, a professora verificou no seu dispositivo quantos dos alunos haviam conseguido realizar a atividade inicial no *facebook* com sucesso, e constatou que 21 dos alunos conseguiram atingir os objetivos propostos. Em alguns dos comentários havia pequenos erros na escrita das palavras, como também algumas trocas de letras nos nomes dos artistas. Os demais alunos realizaram a atividade em até 03 dias posteriores à aula.

Segundo Braga (2013) os grupos do *facebook* podem ser abertos ou fechados, e favorecem a organização e interação de grupos de usuários, viabilizando assim o trabalho em pequenos e/ou grandes grupos na escola.

A proposta da professora se adéqua ao que propõe Braga (op. cit.), pois a mesma utilizou grupos fechados buscando sistematizar os integrantes em um objetivo em comum, viabilizando novos caminhos no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa.

Entendemos ainda que as contribuições e propostas dos alunos acerca do uso do *Google* e do *Youtube* foram importantes na compreensão de que o uso dos dispositivos móveis, conectados a internet, como também das redes sociais favorece a dinâmica através do uso de aplicativos e recursos diversos.

Ainda de acordo com Braga (2013), o *facebook* oferece diversos recursos que viabilizam a publicação de textos multimodais e a formação de redes interativas, facilitando ainda a categorização e localização de informações.

✓ Situação 02 – Aula 02:

Professora: Bom dia, gente! Como estão? Vamos sentando... “Aluno 01” sente direito, saia do braço da cadeira, por favor.

Aluno 01: Calma prof.

Aluno 02: Vamos usar o face hoje?

Aluno 03: Vamos professora?

Professora: Não, meninos, hoje eu trouxe uma música pra vocês, pra vocês conhecerem a minha preferência, mas vamos ouvi-la e trabalha-la aqui, depois vocês terão a missão de continuar esse estudo que vamos continuar hoje no face, só que em casa.

Aluno 04: Pense como vou fazer tarefa no facebook em casa!

Professora: Aluno 04, você terá alguns dias pra realizar isso, e vai ser legal, você pode consultar até outros recursos no seu celular, como fez na aula passada com os dicionários online e o youtube, lembra?

Aluno 04: Melhor que uma prova né?

(Aluno 05 pede licença e entra na sala dez minutos depois do início da aula, ele é um dos quatro alunos do fundo, chega com o celular na mão).

Aluno 05: Diga aí o que é pra fazer hoje, prof.

Professora: Guarde seu celular, Aluno 05, não utilizaremos ele aqui na sala hoje.

(Conversas paralelas afirmando que a professora deveria continuar com as atividades no facebook em sala de aula)

Professora: Pessoal, silêncio, vou dizer o que quero de vocês antes de começar a atividade com a música que trouxe. Em casa vocês irão pesquisar a letra dessa música que vamos trabalhar hoje e cada um vai observar duas novas palavras, que você nunca viu no inglês, e vocês vão traduzir essas palavras formando um vocabulário coletivo no facebook, lembrem, cada um deve contribuir com duas palavras.

Aluno 06: Pode usar o dicionário?

Aluno 02: Pode ver no Google?

Professora: Sim, pessoal, vocês podem usar os muitos recursos que vocês tem nos celulares e podem usar outros recursos também, mas ainda tem outra coisa.

Aluno 05: Outra? Tá danado...

Professora: É simples, Aluno 05, vocês irão escolher uma das músicas dos artistas preferidos dos colegas de vocês, que postaram na aula passada do face, e vão fazer um comentário sobre qual estilo vocês acham que a música é e do que vocês acham que a música trata, ou seja, o que vocês acham que a música tá dizendo, entenderam?

Alguns alunos: Ok.

(A aula continuou com a atividade da música que a professora tinha planejado, sem celular, sem facebook).

Na atividade a ser desenvolvida em casa, a professora percebeu que a participação não foi tão efetiva quanto à primeira, realizada em sala de aula, do total de alunos, 19 deles realizaram as atividades, em contrapartida, a interação ocorreu de forma muito mais dinâmica, e o trabalho com o vocabulário foi maravilhoso, tal como as socializações e impressões sobre as músicas expostas pelos colegas na atividade inicial.

Na aula 02, descrita acima, a professora poderia ter utilizado os celulares como elemento auxiliar na aula, mesmo tendo trazido uma música, e uma atividade em relação a ela, poderia ter passado a música para os dispositivos dos alunos, e aproveitado dinâmica já desenhada desde a aula 01, visto que a animação e o envolvimento dos alunos permaneciam vivos.

É observável ainda que, embora se tratando de uma proposta inovadora, a escola não oferece a infraestrutura necessária para a plena realização, a conexão ainda é um problema, a escola não dispõe de rede wi-fi e os alunos utilizam a internet fornecida pelas operadoras.

Percebemos ainda que os alunos foram capazes de socializar e respeitar acerca da diversidade musical exposta na postagem inicial no *facebook*, como também de aprender e expor novo vocabulário, de assistir e comentar novos vídeos, em atividades que aconteciam não somente nos ambientes da escola, mas também em outros espaços da sociedade, em seu cotidiano.

Metodologia

- DESCRIÇÃO DO LOCUS DA PESQUISA E DOS SUJEITOS PESQUISADOS

A escola abordada neste estudo está situada em uma cidade do interior da Paraíba que tem uma população de aproximadamente 13.000 habitantes, onde a maior fonte de renda é a agricultura, embora o comércio tenha se desenvolvido com o passar dos tempos.

Tal cidade possui apenas três escolas públicas que oferecem o Ensino Fundamental II, e apenas uma delas, especificamente a escola onde realizamos essa pesquisa, oferece o Ensino Médio, por isso conta com uma clientela mista de alunos da Zona Urbana, mas em sua maioria, da Zona Rural.

A clientela escolar é predominantemente de filhos de agricultores, mas também atende a filhos de comerciantes, funcionários públicos, operários, empresários, funcionários de empresas,

profissionais liberais e autônomos. O nível socioeconômico das famílias é bastante diferenciado, tanto na área urbana como na rural, variando desde famílias com bom poder aquisitivo, e outras que recebem o auxílio governamental Bolsa Família.

Sendo a única escola do município que oferece também o Ensino Médio, a Escola possui uma estrutura física abrangente, contendo 14 salas de aula, uma secretaria, uma sala de recursos, uma diretoria, uma sala de informática, uma sala dos professores, uma biblioteca, um almoxarifado, seis banheiros, um refeitório/pátio, uma cozinha, e duas dispensas, contando com um número de 55 professores e com um total de 1165 alunos, sendo 456 deles do turno da manhã.

A Escola é assistida pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.

Vale destacar ainda que os alunos moradores da Zona Rural precisam se deslocar de suas respectivas comunidades, mas são assistidos por uma linha regular de transportes, que os conduzem para fazer o Ensino Médio na Zona Urbana, dessa forma, a maioria dos alunos da referida escola é proveniente dos sítios.

O uso dos dispositivos móveis, das redes sociais, e de forma mais acentuada, do *facebook* passou a ser frequente nos mais diversos âmbitos sociais, inclusive, dentro dos muros da escola. É normal observarmos nos corredores da escola, e também dentro das salas de aula, os alunos acessando as redes sociais, ouvindo músicas, tirando fotos, trocando arquivos, etc.

No ano de 2013, a direção percebeu que tal uso estava se tornando desenfreado, visto que alguns professores reclamavam que o uso do celular, e o acesso ao *facebook* estavam prejudicando o andamento das aulas. Dessa forma, decidiu-se que seria proibido o uso do celular nas salas de aulas, e demais dependências da escola, quando não utilizados com objetivos pedagógicos.

Os sujeitos pesquisados eram alunos de uma turma de 2º ano do Ensino Médio, turno manhã, na referida escola. Esta turma continha 28 alunos frequentes, sendo 6 do sexo masculino e 22 do sexo feminino. A média de idade variava entre 16 e 19 anos.

Do total de alunos, apenas 07 eram moradores da Zona Urbana da cidade, os outros 21 eram provenientes dos diversos sítios pertencentes à cidade, alguns deles gastavam cerca de 1 hora no percurso de casa para a escola. Boa parte dos rapazes, e algumas moças vindas do sítio sobreviviam da agricultura, e demonstravam certo cansaço no decorrer de algumas aulas.

A maioria das moças da turma eram dedicadas e participavam ativamente das discussões promovidas e das atividades desenvolvidas em sala de aula, em contrapartida, alguns dos rapazes não se concentravam nas aulas e, por vezes, atrapalhavam o trabalho do professor e a participação dos colegas.

Nessa perspectiva, verificamos que quatro dos alunos pertencentes a essa turma praticamente não frequentavam as últimas aulas do turno da manhã, e, algumas vezes, também preferiam ficar fora da sala de aula, mesmo em outros horários, e mesmo com a solicitação dos professores.

Percebíamos, com frequência, os alunos utilizando os dispositivos móveis, especificamente, os celulares, tanto nos corredores como nas salas de aula, inclusive após a proibição por parte da direção. Todos os 28 alunos da turma possuíam telefone celular, e apenas dois deles não permitia o acesso a internet e as redes sociais.

Alguns deles ouviam músicas em uma altura que chegavam a atrapalhar outros alunos e outras turmas, e as preferências variavam entre músicas nacionais e internacionais, nos mais diversos ritmos e estilos.

Por vezes, alguns alunos ainda se retiravam da sala de aula para utilizar as redes sociais em outros ambientes, como por exemplo, banheiros e corredores. Os professores e a gestão percebiam a continuidade nas postagens, nos comentários dos alunos e na quantidade de alunos com status "online", mesmo em horário de aula.

Porém, vale salientar ainda que a turma, de forma geral, obtinha bons resultados nas avaliações desenvolvidas de forma contínua, mas, a falta de interesse que marcava algumas aulas da maioria dos professores, nas mais diversas disciplinas, chegava a incomodar alguns docentes.

Esse incômodo se dava, também, pela clara divisão que existia na sala de aula, entre as moças que prestavam atenção e participavam com mais frequência, ocupando os lugares frontais e medianos nas aulas, e os rapazes que ocupavam o final da sala, aglomerados no canto esquerdo.

- ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO

A opção pela utilização da abordagem qualitativa de pesquisa se deu pela possibilidade de reflexão e o entendimento acerca das especificidades dos sujeitos, mostrando a contribuição que este pode trazer à compreensão do conhecimento humano, de maneira mais abrangente, mesmo não atingindo, por vezes, resultados universais e quantificáveis.

Nesse sentido, André (2005) afirma que a abordagem qualitativa surge no final do século XIX como resposta à indagação dos cientistas sociais quanto ao entendimento do método de investigação das ciências naturais como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais.

Observamos assim a preocupação com fenômenos sociais, envolvendo sujeitos diversos, fenômenos estes que são dinâmicos e complexos, que não podem ser explicados através de leis universais.

Ainda de acordo com André (op. cit.), a abordagem qualitativa deve levar em conta à interpretação dos significados, as inter-relações, a compreensão dos sujeitos e de suas ações.

O universo das escolas, assim como de suas respectivas salas de aula, professores, alunos e demais sujeitos que fazem o sistema educacional estão inseridos dentro das realidades que necessitam de pesquisas em abordagens, majoritariamente, qualitativas.

Experiências como estas correspondem ao que Mattos (2011) define como estudo etnográfico, neste caso, em específico, do tipo etnográfico, visto que trata da escrita do visível, que depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação do etnógrafo.

Para tal, descrevemos duas aulas de Inglês ocorridas em uma escola pública, em uma turma de ensino médio, com o objetivo de descrever, refletir e apreender significados referentes às experiências estudadas. Já que, de acordo com Geertz (2008), a descrição densa, no estudo etnográfico, se dá através da observação, análise e estudo denso de estruturas superpostas de inferências e implicações, onde o etnógrafo constrói e reconstrói seu caminho.

De forma sintética, Severino (2007) colabora afirmando que a pesquisa etnográfica tem como objetivo a compreensão da cotidianidade, dos processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Tratando-se, assim de um mergulho no microsocial, olhado com uma lente de aumento, relacionando-se assim com o macro. Ocorrendo através da aplicação de métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa.

Essa contribuição nos permite observar a correlação entre a pesquisa etnográfica e as pesquisas em educação, visto que ambas tem como objetivo principal a análise minuciosa de situações e sujeitos em específico, e de suas características que permitam a descrição, interpretação e análise dos dados.

Segundo Erickson (1990, apud BORTONI-RICARDO, 2008) os etnógrafos que decidem pesquisar os contextos de escolas e/ou salas de aula, devem procurar responder três perguntas, que são:

1. O que está acontecendo aqui?; 2. O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas? Ou seja, quais são as perspectivas interpretativas dos agentes envolvidos nessas ações?; 3. Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrosocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade nacional? (ERICKSON, 1990, apud BORTONI-RICARDO, 2008, p. 41).

Dessa forma, a pesquisa etnográfica em educação não pode se valer apenas da observação participante na busca de somente descrever o ambiente e os sujeitos relacionados à sala de aula. É importante compreender ainda que esse tipo de abordagem deve preocupar-se em atrelar as descobertas de dentro da sala de aula, com o contexto sociocultural que cercam a escola e os sujeitos que fazem a educação.

Observamos que a escola e a cultura não podem ser vistas de forma separadas, já que se relacionam constantemente, e assim sendo, são mutuamente influenciadas.

Considerações finais

As propostas discutidas neste estudo finalizam que o uso das redes sociais, especificamente do *facebook* através dos dispositivos móveis, contribui para a efetivação de um processo de ensino aprendizagem colaborativa, instigando um trabalho que trate alunos e professores como parceiros, na partilha de informações e consequente construção de conhecimentos.

Assim, tal como as análises feitas em relação a elas, viabiliza a construção de novas possibilidades em sala de aula, inclusive quebrando o paradigma do professor como único detentor do saber, e dos alunos como aqueles que nada sabem. O uso das tecnologias, a postagem de materiais diversos, os comentários que ocorrem nos grupos, assim como os outros recursos presentes no *facebook* permitem que a construção de conhecimentos se dê de forma real e partilhada, favorecendo ainda o respeito pelas opiniões alheias, e o trabalho numa perspectiva de cooperação, de construção mútua.

Mesmo que o uso do *facebook* e do celular ainda seja visto como algo negativo, quando atrelado aos ambientes escolares, é mister que as escolas e os professores atuem de maneira inovadora e permitam-se à tentativa de novos caminhos que redimensionem a abordagem de conteúdos, que por vezes é bastante criticada, quando enfocada de maneira tradicional. Lembrando ainda que esta proposta deve respeitar a realidade das diversas escolas e salas de aula, tornando o planejamento e a sistematização do trabalho elementos fundamentais para a concretização das metas.

Referências

- ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ANDREOLI, Vittorino. **O Mundo Digital**. (A. S. Fontinha, Trad.) Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRAGA, Denise Bértolli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CARROLL, J. **Completing Design in Use: Closing the appropriation cycle**. OASIS Seminars. Melbourne, May 2005. Disponível em: <http://www.dis.unimelb.edu.au/research/groups/oasis/AppropnWPaper.pdf> (Acesso em 14 Set. 2013).
- FERNANDES, Luís. **Redes sociais online e educação: Contributo do facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes**, Universidade Nova de Lisboa: 2011. Disponível em: < http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf > Acesso em novembro de 2013
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- MARÇAL, el al. **Aprendizagem utilizando Dispositivos Móveis com Sistemas de Realidade Virtual**. In RENOTE: revista novas tecnologias na educação: V.3 Nº 1, Maio, Porto Alegre: UFRGS, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, 2005.
- MASETTO, Marcos T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MATTOS, Carmem Lucia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In: MATTOS, Carmem Lucia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Etnografia e Educação: conceitos e usos.** Campina Grande: EDUEPB, 2011

MENEZES. Célia Maria Cardoso de Abreu Vasconcelos Quintilha de. **Utilização de dispositivos móveis na escola do séc. XXI: O impacto do podcast no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no 7º ano do 3º ciclo do Ensino Básico.** Portugal: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2009.

MINHOTO, Paula Maria Lino Veigas. **A utilização do facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano.** Bragança: Escola superior de educação. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências, 2012.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas, SP: Papyrus, 2012.

_____, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias.** In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MOURA, Adelina. **Mobile Learning: Tendências tecnológicas emergentes.** In: CARVALHO, Ana Amélia A. **Aprender na era digital: Jogos e Mobile-Learning.** De Facto Editores, Portugal: 2012.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos caminhos e como chegar lá.** Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MUÑOZ, Caroline Lego; TOWNER, Terri. **De volta ao muro: Como usar o facebook em sala de aula da faculdade.** Revista First Monday. Volume 16, número 12. Chicago: 2011. Disponível em: < <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/3513/3116>> Acesso em novembro de 2013

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. **Utilização educativa do facebook no ensino superior.** In: I International Conference Learning and Teaching in Higher Education. University of Évora: Évora, 2010.

PARAÍBA. **Lei 8.949** de novembro de 2009

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMON, Roger J. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SPADARO, Antonio. **Web 2.0: redes sociais.** São Paulo: Paulinas, 2013.

UNESCO. **O futuro da aprendizagem móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas.** Brasília: Unesco, 2014.

ZANCANARO, Airtton. Et. Al. **Redes Sociais na Educação à Distância: Uma análise do projeto e-Nova.** Datagramazero: Revista da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/abr12/Art_05.htm >. Acesso em 22 de novembro de 2013.

